

BJIR

Brazilian Journal of International Relations

ISSN: 2237-7743 | Edição Quadrimestral | volume 11 | edição nº 3 | 2022

O MODELO DE GUERRA DE 4ª GERAÇÃO E GUERRA HÍBRIDA NA UCRÂNIA DO COMEÇO DO SÉCULO XXI.

*Thiago Henrique Costa Simões Antunes;
Everton Santos Lima*

 **Igepri**
Instituto de Gestão Pública e
Relações Internacionais

 **unesp**
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

O MODELO DE GUERRA DE 4ª GERAÇÃO E GUERRA HÍBRIDA NA UCRÂNIA DO COMEÇO DO SÉCULO XXI.

THE 4TH GENERATION WAR AND HYBRID WAR MODEL IN UKRAINE AT THE BEGINNING OF THE 21ST CENTURY.

Thiago Henrique Costa Simões Antunes¹; Everton Santos Lima²

RESUMO: Ao esquadrihar a trajetória da “evolução” das formas hegemônicas de se fazer guerra, constata-se que, na contemporaneidade, há um deslocamento aberrante em relação ao progresso proporcional no que se refere ao modelo anterior. O repertório tecnológico bélico disponível somado às agendas política e econômica realizam níveis de alcance e proporções desastrosas nunca antes observados. Neste caminhar, o presente artigo tem por objetivo esclarecer de maneira expressa a associação entre os termos “guerra de 4ª geração” e “guerra híbrida”, com vistas a cotejar a disposição dos movimentos que animaram as turbulências do ambiente político-social ucraniano nos ocorridos da Revolução Laranja, do Euromaidan e da anexação da Crimeia pela Rússia, compreendidos a partir desses dois modelos. Os procedimentos de pesquisa adotados consistem em revisão bibliográfica de obras concernentes à temática, artigos publicados, periódicos científicos e produções acadêmicas registradas. No desenlace da investigação, foi possível identificar o papel central desempenhado por governos de outros países e organismos internacionais conduzido, sobretudo, a partir de veículos de mídia social no impulsionar do processo revolucionário, que, todavia, apesar de impor modificações significativas no território, permaneceu resignado às raiais de dominação delineadas pelos atores hegemônicos atacantes.

Palavras-chave: Combate assimétrico; Guerra não linear; Ucrânia.

ABSTRACT: When scanning the trajectory of the “evolution” of the hegemonic ways of waging war, it appears that in contemporary times, there is an aberrant shift in relation to proportional progress with regard to the previous model. The warlike technological repertoire available, coupled with political and economic agendas,

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Geografia Humana da USP. Graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Monitor da disciplina: Cultura: O Global e o Local II (2016-2018). Estágio Interno Complementar (2018-2019) no Canal Laborav: televisão, Comunicação e Periferia. Atualmente é professor do pré-vestibular social da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ). Tem experiência na área de Geografia Humana, com ênfase em Teoria da Geografia e História do Pensamento Geográfico, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Clássica, Friedrich Ratzel e Geohistória da natureza. E-mail: thiagosimoesantunes@usp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7468-2388>

² Graduando em Geografia UERJ-FEBF. Bolsista de Monitoria em Prática de ensino VI em Geografia (2020 -). Bolsista PIBIC em audiovisual (2019 – 2020). Coordenador pré – vestibular UERJ-FEBF (2019 – 2020). **Extensões universitárias:** U.S Government (HarvardX), A teoria da dependência na América Latina (Classe Esquerda); A história dos comunistas brasileiros (EFLCP); Human Rights: The rights of refugees (Amnesty International). **Apresentações de trabalho:** LIMA, E. S.; ESCOBAR, D.; SILVA, V. A.; SOUZ, E.. Pré-Vestibular UERJ-FEBF, mapeamento e discussão de suas implicações sociais. 2019. (Apresentação de Trabalho/Congresso), LIMA, E. S.. A compreensão e aumento da complexidade dos modelos de guerra de 4ª geração e guerra híbrida a partir das revoluções coloridas e primavera árabe.. 2019. (Apresentação de Trabalho/Congresso). E-mail: gaularock.esl@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4960-6532>.

have reached levels and disastrous proportions never seen before. In this way, this article aims to clarify in an express way the association between the terms "4th Generation War" and "Hybrid War", in order to compare the disposition of the movements that animated the turbulences of the Ukrainian political-social environment, in the events of the Orange Revolution, the Euromaidan and the annexation of Crimea by Russia, understood from these two models. The research procedures adopted consist of a bibliographic review of works related to the theme, articles published in scientific journals and registered academic productions. In the outcome of the investigation, it was possible to identify the central role played by governments of other countries and international organizations conducted, above all through social media vehicles in the impetus of the revolutionary process, which, however, despite imposing significant changes in the territory, remained resigned to the rays of domination outlined by the attacking hegemonic actors.

Keywords: Asymmetric combat; Non-linear warfare; Ukraine.

Introdução

Os desdobramentos e o conseqüente aumento do nível de complexidade do combate ao longo da história ultrapassaram diversos elementos considerados como basilares na operacionalização de confrontos do passado, entretanto a noção de guerra ainda faz alusão às suas tendências de dividir, complicar e produzir novas feições político-sociais, conservando a máxima de subjugar o inimigo ao sabor de seus interesses. Nesse sentido, três modelos de guerra atingiram posições de destaque e serviram como bases estruturais que culminaram nos atuais moldes.

Na contemporaneidade, a percepção de enfrentar um engate político e militar se esvanece na complexidade das inter-relações entre tecnologia, tabuleiros geopolíticos e valorações do terreno a ser absorvido.

“O propósito da guerra é desarmar o inimigo (...). Para que você coaja o inimigo, deve deixá-lo numa situação que seja ainda mais desagradável do que o sacrifício que você possa exigir que ele faça” (Clausewitz, 2010, p. 71). A capacidade técnica, científica e militar atual permite que o avanço sobre o inimigo seja tão fulminante que a sua desvantagem se situe antes mesmo que o ataque seja percebido pelos sistemas comuns de alerta. Os instrumentos de coerção econômicos, políticos e sociais diminuem a necessidade de ataques físicos diretos e, conseqüentemente, de abalo nas estruturas físicas dos territórios.

Diante desse quadro, temos como tarefa, primeiramente, esclarecer diferenciações nocionais acerca de planificações de embate, intentando demonstrar como o atacante se utiliza de práticas de manobra em massa através de ferramentas midiáticas, partidárias, de ONGs e grupos financiados internacionalmente, observando de que modo esses fatores reverberam como política externa dos países.

Com a coalizão do trinômio político-econômico-tecnológico, as práticas de combate atingem um grau de eficácia e aceitação tácita tão elevado que acabam até mesmo não sendo percebidas como tal, e travestem-se através de conceitos como: “política externa agressiva”, “protecionismo econômico”, “embargo comercial”, “restrições migratórias” etc. Tais modulações camuflam os reais objetivos, produzindo assim uma interpretação complicada das intenções por trás dessas práticas de ataque, o que, por fim, torna quase impossível apontar com clareza quem é o atacante.

Nesse sentido, o embaralhamento na compreensão operacional se manifesta nas apreciações teóricas. Assim, conceitos como “guerra híbrida” são aplacados à revelia e representados de forma genérica, conduzindo à compreensão que desliza sobre a superficialidade associativa, enquadrando todos os movimentos análogos ao uso de tecnologia de ponta como sendo parte do mesmo fundamento, possuindo os mesmos objetivos e utilizando-se de semelhantes estratégias. Nesta hora, buscamos aqui decantar conceituações simplistas e/ou generalizantes dos factuais comportamentos de guerra híbrida e demonstrar como essa conceituação se alinha ao modelo de guerra de 4ª geração. Realizando esse movimento em associação aos casos ocorridos na Ucrânia entre 2004 e 2016.

A esse respeito, fez-se fundamental a observação do trabalho de Korybko (2018), além de escritos como os de Piccolli et al. (2016), Fernandes (2016) e Lima (2018). Erguendo essas linhas em constante correlação com a noção da guerra como instrumento político idealizado por Clausewitz (2010).

Guerra Híbrida e Guerra de 4ª Geração: Um embaraço conceitual.

Segundo Clausewitz (2010), a guerra é um mecanismo político que se traduz em ações que tencionam fazer com que seu inimigo se submeta aos seus interesses. Em face da historicidade da sociedade humana, podemos conceber que a guerra é um dos fatores que perpassam todas as formas de governo, de organização social e de modo de convivência. Nesta ocasião, partiremos da ideia de guerra moderna, que se configura, após 1648, com o tratado de Vestefália, que pôs fim à Guerra dos Trinta Anos (Lind, 2004).

Quando o objetivo é detectar alguma linearidade histórica para descrever essas tipificações de guerra moderna, existe uma formulação que chega a quatro categorias:

1) Massa: A partir do embate de massas de homens com armas de fogo e tendo sua expressão máxima nas guerras napoleônicas, esse modelo se expressa em batalhas entre linhas de enfrentamento e colunas (Freitas, 2010).

2) Poder bélico: Caracterizado pelo entrincheiramento de tropas, é um modelo de combate estático e metabolicamente lento, que prioriza o poder de fogo no lugar do contingente de homens

disponíveis ao combate. É caracterizado também pela tomada de flancos e necessidade de menos homens no engate de tropas, além de maior capacidade de movimentar-se quando os objetivos eram obtidos. Foi o modelo de combate vigente durante a Primeira Guerra Mundial (Monteiro, 2017).

3) Manobrabilidade (*Blitzkrieg*): Também conhecida como “guerra relâmpago”, marcada pelo modelo de estratégia alemã na Segunda Guerra Mundial, era constituída pela velocidade de ataque de maquinário alinhada a um poder de fogo rápido e eficaz (Monteiro, 2017). Mesmo contra tropas estacionárias bem equipadas e munidas, a velocidade de engatilha de tanques abrindo o espaço para tropas, posicionadas atrás deles, dava conta de expandir brechas espaciais, conduzindo a vantagens sobre as tropas entrincheiradas ou estáticas, ou seja, a velocidade e surpresa de engate em combate se sobrepunha ao poder estacionário.

4) Psicológica e de espectro total: O termo é difundido por Lind et al. (1989) na discussão de seu trabalho *The changing face of war: Into the fourth generation*. Esse tipo de guerra exemplifica o modelo de táticas e estratégias de imposição de medo no indivíduo a partir do uso de ameaças constantes de grupos políticos específicos. O conceito encontra-se ainda em construção e mesmo dentro de uma pequena comunidade de escritores que exploram a guerra de 4ª geração. Aliás, há um leque de opiniões variadas sobre como definir o conceito e quais são suas implicações (Hammes, 2004).

Como estandarte desse modelo de guerra, que tem sua expansão após os ataques de 11 de setembro de 2001, temos a fixada “guerra ao terror”, criada pelo governo George W. Bush, nos Estados Unidos, que abriu brechas para além do concebível, isto é, o franqueamento de ações militares cujos objetivos poderiam ser circunscritos e justificados indefinidamente em face da iminente ameaça terrorista. Seria antes inimaginável que, mesmo sob um pretexto de perseguição ao terrorismo, as linhas legais da vigilância e desrespeito das leis individuais fossem movimentadas. Assange (2013) comenta em seu livro *Cypherpunks: Liberdade e o futuro da internet* o uso de dispositivos como o *Patriot act*, de 2001, e o *The Stored Communications Act (SCA)*, de 1986, e como estes serviram de mecanismos de perseguição a opositores e àqueles que denunciavam incongruências de ação do governo americano.

Quando ampliado o espectro deste debate, podemos observar um modelo de engenharia das redes projetado para a perda da privacidade, constatando a falsa sensação de neutralidade nos aspectos da estruturação tecnológica, pensados exatamente para dissimular a real identidade das pessoas que coordenam e operam essas redes (Assange, 2015).

A guerra de 4ª geração está presente nessa ideia. A internet, as informações, as tensões ininterruptas com ameaças nucleares e os mecanismos políticos indiretos compõem os orbitais que constituem a guerra indireta em si, a partir daí, os conflitos assimétricos e insurreição são os

instrumentos desse modelo. Ela, de forma simplificada, é um resgate da natureza do homem no estado de guerra de todos contra todos, remetendo, de forma prática e assimétrica, ao antigo juízo filosófico hobbesiano, no sentido de inserção e capacidade de alcances libertos de regramentos e objeções socialmente definidas. No caso contemporâneo, as estratégias se camuflam em práticas cotidianas não reconhecidas como formas de engajamento e manipulação.

Existe uma complexidade quando é realizada a alocação de guerra híbrida (ou ameaça híbrida) como desdobramento de uma guerra de 4ª geração. Como assinala Visacro (2009), a pressão internacional, apelos humanitários e a cobertura da imprensa tornaram a estruturação tática baseada em tropas fixas, a exemplo do que se viu no Vietnã, uma conduta de combate socialmente antipática, o que conduziu ao investimento na produção de invisibilidade do ataque.

A partir dessa dimensão, houve uma drástica modificação metodológica e estilística no que concerne à prática e ao ferramental de confronto. Elementos como a tecnologia da informação dedicada aos detentores da hegemonia econômica mundial, açambarcando o monitoramento de pessoas e governos, o tráfico de influência, sacudindo o equilíbrio interno de forças e os interesses de uma nação, afora os violentos ataques à identidade cultural e à economia traduzem expressamente os expedientes utilizados nesse novo modelo de guerra.

Todo esse ativo prático social — que pode envolver ainda: inflamação de grupos fundamentalistas religiosos, manipulação de políticas demográficas, influência sob conflitos étnicos, lutas separatistas e revanchismos migratórios — é utilizado explorando as respectivas fragilidades do território em questão, valendo-se de ampla pesquisa sobre o perfil da população, sua estrutura política interna e, ainda, seus oportunos gargalos econômicos etc. Esses artifícios que constituem a tecnologia de quarta geração, quando conjugados entre si e/ou somados às tradicionais táticas militares, seja em espaço aéreo, terrestre ou marítimo, configuram o que denominamos de guerra híbrida. Guerra híbrida é um modelo de 4ª geração, por ser um artifício posterior ao cunho do termo de Lind et al. (1989). Entretanto algumas investidas, como sanções econômicas e ameaças nucleares, quando utilizadas de forma singular, restritas à categoria de “confronto em potencial”, integram modelos de 4ª geração, porém não representam um ataque híbrido.

O conceito de guerra híbrida, assim como sua expressão prática, não se revela de forma objetiva, trata-se de uma noção complexa, nuançada e de ampla congregação de recursos. As especialidades práticas de sua expressão podem ser consignadas a partir de amplas feições. Alperen (2011) descreve a complexidade dinâmica das abordagens do conflito se utilizando da atuação da Al-Qaeda como agente de combate difuso. Já o modelo de guerra híbrida que a Rússia utiliza se aproxima

de algo com o objetivo de desfocar as linhas da legalidade para explorar a incerteza dos resultados e cooptar o caos.

Ball (2019) trabalha com a guerra híbrida a partir da comparação entre conflito linear e não linear (no qual a guerra híbrida se aloca). Para ele, um conflito linear se dá por uma progressão sequencial de estratégias planejadas por ambos os lados, enquanto o conflito não linear é o uso simultâneo de táticas de guerra militares (conflito, ameaça, poder direto) e não militares (vigilância, espionagem).

Korybko (2018) descreve o aprendizado americano e sua utilização da guerra híbrida para a dominância do cinturão euro-asiático e comenta que o conhecimento americano sobre a utilização da guerra híbrida ajuda a lidar com a Rússia e outras potências locais. O modelo de contenção dos polos da Eurásia adotado pelos Estados Unidos durante a Guerra Fria continua válido, e a ameaça híbrida é um modelo de aprimoramento de decisões de política externa como essa.

Em seu trabalho *Whats Hybrid Warfare?* Ball (2019) disserta que o coração dessa tática é o uso de instrumentos para se entranhar e desestabilizar a política, economia e o engajamento digital das áreas-alvos. Tal movimento é realizado através da criação de confusão e desordem, partindo da ideia de caos cooptado, gerado por notícias falsas ou exageradas, ensejando na germinação da noção de perda de identidade nacional e/ou cultural e do enfoque em um alvo dentro do imaginário popular, objetivando fomentar a instabilidade dentro de um território ou nação.

Os casos ocorridos na Ucrânia do século XXI são uma exemplificação de vários dos aspectos citados acima, principalmente no território da Crimeia. O constante caos e a instabilidade política da área fazem-se presentes desde as revoluções coloridas até o conflito da Crimeia. Algumas análises apontam que essas práticas estão presentes no território ucraniano desde a sua independência em 1991, porém entendemos que os sintomas percebidos de 2004 em diante foram de fato mais robustos e contundentes no que diz respeito às condutas adotadas no exercício híbrido de combate. Esses sintomas serão destrinchados mais à frente, todavia uma peculiaridade deve ser salientada: a importância geopolítica e geoestratégica da região. A Crimeia tem grande valor tanto para os interesses marítimos russos quanto para a proteção militar ucraniana, bem como para a manutenção dos atrativos de influência militar da OTAN.

Revoluções Coloridas

Entre 2000 e 2006 esteve em curso a primeira onda do que doravante seria assinalado como “revoluções coloridas”. Num primeiro momento, os ataques ocorreram em territórios que faziam parte da antiga União Soviética e agora compunham a área de influência russa. Operacionalizaram-se ações bem-sucedidas na Iugoslávia, com a Revolução Bulldozer (2000), seguida da Geórgia, em sua

Revolução Rosa (2003), alcançando, ainda, a Revolução Laranja (2004) e a Revolução das Tulipas (2005) na Ucrânia e Quirguistão, respectivamente. Nesses casos foi tirado proveito de cenários politicamente polarizados, financiando a oposição política, grupos de mídia alternativa, movimentos estudantis e sindicatos trabalhistas para incitar reações contra os governantes da situação.

A construção do modelo das revoluções coloridas perpassa seis elementos fundamentais, listados por Korybko (2018): ideologia, financiamento, social, treinamento, informação e mídia.

Como Korybko (2018, p. 38) constrói: “A espinha dorsal básica para iniciar e difundir uma revolução colorida é a disseminação da informação entre a população, seja uma demografia específica dela ou a sociedade como um todo”, e Ortega (2009, p. 13) corrobora: “não se pode rechaçar a hipótese de que as Revoluções Coloridas produziram governos marcadamente pró-ocidentais, destinados a reduzir a influência russa”. Esse objeto informacional durante as revoluções coloridas produz uma nebulosa bruma de questionamento sobre os moldes democráticos de eleição, ensejando na acusação de fraude e manipulação eleitoral.

“Ao todo, serão considerados seis fatores que foram determinantes para o desfecho de cada crise e para a permanência ou queda de cada governo: denúncia de fraude eleitoral em eleição polarizada; organização da oposição ao regime; organização e posicionamento da mídia; treinamento a manifestantes em técnicas de protesto e ação direta; atuação do aparelho coercitivo do Estado; apoio externo ao regime; apoio ocidental aos atores de oposição.” (Scherer, 2015, p. 36).

Ainda com relação à primeira seção ofensiva, é preciso atentarmos para a “onda colorida” que se estendeu ao Médio Oriente, no entanto valendo-se de estratégias diferentes em comparação ao Leste Europeu. Por exemplo, a Revolução Púrpura, no Iraque (2005), foi viabilizada através da invasão norte-americana ao país e conseqüente deposição de Saddam Hussein. Já a Revolução dos Cedros, no Líbano (2005), foi inflamada alicerçada na resistência às tropas sírias que ocupavam o país desde 1975.

Começando em 2007 e se estendendo aos dias atuais, temos a segunda fase das revoluções coloridas, caracterizada por seu tom diversificado, tanto em estratégias de desestabilização quanto no que diz respeito às áreas-alvos. O período se inicia com a Revolução Açafrão (2007), em Myanmar, um movimento antigovernamental em face da pauperização econômica que assolava o país há décadas, cujo estopim foi a paralisação do país por conta de cortes a incentivos de compra de combustível. Em seguida, em 2009, tivemos a Revolução do Twitter, na Moldávia, em que a rede social foi utilizada como ferramenta organizacional de grupos dispostos a impedir que o Partido Comunista assumisse o poder após o resultado das eleições legislativas. Tivemos ainda a Revolução Verde, que é o nome usado para denominar a onda de protestos desencadeada após as eleições iranianas de 2009, na qual

os manifestantes exigiam recontagem de votos e obrigação de segundo turno. Esses três movimentos supracitados, apesar de perturbarem a ordem política, econômica e social e consolidarem alguns direitos democráticos, são considerados como fracassados, pois não obtiveram êxito na queda de seus respectivos líderes institucionais.

Modificando o espectro de análise, um caso na América Latina que por alguns analistas também pode ser descrito como exemplo da onda colorida é da Bolívia, que ficou conhecida como “Revolução Pitita”, na qual, em 2019, após a reeleição do presidente Evo Morales, uma série de protestos tomou conta do país: os manifestantes, inflamados pelo relatório das Organizações dos Estados Americanos (OEA), que apontava para uma suposta fraude nas eleições, saíram às ruas e contando com o apoio das tropas militares, granjearam a destituição do presidente, e ainda compeliram o exílio de Morales e alguns de seus apoiadores, que se refugiaram no México. Posteriormente, diversos estudos científicos, como os do Centro de Pesquisas Econômica e Política (CEPR), do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e das Universidades da Pensilvânia e de Tulane, atestaram que não houve irregularidades no pleito boliviano.

O recente golpe boliviano, assim como as instabilidades político-econômicas recentes que assolam o continente sul-americano (como os casos de Argentina, Brasil, Venezuela e Equador), tem na devoção do capital internacional aos seus interesses a sua grande causa explicativa.

O bilionário americano Elon Musk, conhecido por se conectar com a juventude internauta e através disso propagar valores ideológicos economicistas ao público juvenil, publicou em seu Twitter pouco antes do andamento do golpe: “Vamos dar um golpe em quem quisermos” (Mendes, 2020), posicionando-se abertamente como parte integrante da ação golpista e legitimando a intromissão dos interesses empresariais externos em detrimento da vontade do povo boliviano (nesse caso, em específico, o que estava em jogo era a prerrogativa da exploração do lítio do país).

Durante o começo do século XXI, diversas organizações que tiveram na USAID (*United States Agency for International Development*) a sua expressão mais simbólica aturam junto a entidades civis, midiáticas e partidos políticos influenciando diretamente nos rumos sociopolíticos de países dotados de recursos interessantes à cartilha ocidental, em especial estadunidense e europeia, produzindo instabilidade nas estruturas políticas e por consequência embates, que, em alguns casos, culminaram em mudanças do modelo exercido. O objetivo principal era a derrubada de governos que não adotavam posturas socioeconômicas em anuência com a centralidade do modelo de hegemonia econômica e social do ocidente.

É fundamental pontuar que as revoluções coloridas se exibem como expressões práticas da utilização dos recursos de guerra de 4ª geração. Instrumentos esses que podem provocar consequências mortíferas mais amplas quando comparados às tradicionais táticas militares.

Revolução Laranja

A Revolução Laranja ocorreu na Ucrânia de 2004 a 2005, mesmo sendo um país norteado por princípios conformados aos moldes ocidentais de democracia e mercado, sobretudo a partir de 1994, quando Viktor Yushchenko se tornou primeiro-ministro, todavia a população permaneceu dividida, com sua porção leste mais afeiçãoada à Rússia.

O governo de Leonid Kuchma esteve em vigência entre 1994 e 2004, e desde seu início foi tachado como um regime presidencialista semiautoritário. Seus flertes aos padrões de conduta política do Ocidente acabaram por permitir manobras de grupos de oposição, que se articulavam pelas brechas do semiautoritarismo ucraniano (Freire, 2006).

O estopim da revolução se deu nas eleições de 21 de novembro de 2004, disputadas entre Viktor Yushchenko e Víktor Yanukóvytch. A discrepância entre as pesquisas e o resultado das eleições conduziu a protestos liderados por Yushchenko, que convocou greves gerais e levantes contra Yanukovych (Judge & Zarakhovich, 2004). A manifesta bipolaridade entre um leste ligado ao saudosismo soviético e um centro-oeste que clamava por iniciativas próximas ao Ocidente inflamou ainda mais o país. A Suprema Corte Ucraniana, mais adiante, acabou por reconhecer a existência de fraude eleitoral e convocou novas eleições. Com o novo processo eleitoral, Yushchenko conseguiu a vitória e se tornou presidente.

Aqui, as noções apresentadas anteriormente, que versam a respeito de financiamento exterior e de grupos políticos complacentes, conseguem se escamotear até mesmo através do nome da revolução, que num primeiro momento parece remeter a algo mais metabólico e puramente nacional (o nome provém da cor do partido de Yushchenko). Entretanto o apoio e o incentivo (principalmente norte-americano) às reivindicações do conteste do resultado eleitoral se constituíram como molas fundamentais para o levante revolucionário. Como bem assinala Timothy Garton Ash (2004), essa vontade de “levar democracia” ao Leste Europeu é bem mais dúbia do que parece.

Essa disputa de narrativas é bem exemplificada no debruce sobre as intencionalidades do levante, visto que o Ocidente interpretava como um novo passo no desenvolvimento democrático do país, como Stepanenko (2005, p. 614) disserta: “*The Orange Revolution marked a new stage of Ukrainian society development and identified the end of the previous political epoch on the hybrid Soviet-type system*”. Por outro lado, a Rússia, que ainda possuía interesses e relações fortes com a Ucrânia nesse momento, pontuava esse movimento como o início de um golpe.

Em momento algum existiu uma maioria esmagadora de apoio à Revolução Laranja: apenas 40% da população chegou a concordar com a revolução em 2005 e cerca de 26% eram contra. Em

2006, a porcentagem de apoiadores caiu cerca de 11% e, do outro lado, as pessoas que até então não apoiavam, mas passaram a apoiar, saltou 12%, ou seja, o trânsito de pessoas no que concerne à aderência a um dos lados permaneceu dividido e volátil (GALLUP WORLD POLL, 2019).

Em 2006, Víktor Yanukóvytch, próximo a Putin, venceu as eleições, dessa vez de forma justa. A partir disso, ele tomou medidas refratárias em relação à aproximação ocidental que estava em curso, colocando em prática medidas como a adoção do russo como língua oficial do país, passando pela suspensão das negociações com a União Europeia para a adesão ao bloco e terminando com a prisão de Yulia Tymoshenko, sua opositora política.

A Ucrânia em si não era alvo de cobiça do interesse estadunidense e europeu, mas a extensão da influência russa sobre o país, sim. Para além da ingerência ideológica, o fato de o território ucraniano constituir uma área de passagem vital para o trajeto do gasoduto russo à Europa, comprometendo a hegemonia energética moscovita, também inspirava medidas, isso pelo lado estadunidense. Com relação à zona do euro, os interesses se desenhavam a partir dos recursos fundiários, posto que o país dispunha de significativas faixas negras férteis, conhecidas como “terras negras ucranianas”, que serviriam bem como região de provisão de itens agrícolas para o continente.

De posse desse cenário, a *National Endowment for Democracy (NED)*, junto ao Centro Norte-Americano para a Solidariedade Internacional, a Agência para o desenvolvimento Internacional (USAID) e o Instituto dos Estados Unidos para a Paz, adjuntos de uma rede de empresas privadas locais, passaram a organizar ações antigovernamentais travestidas de legitimidade ao lançar mão de supostos recursos privados, fato que é questionável por algumas análises, que apontam para fundos governamentais como principais provedores.

A partir disso, a disseminação de *fake news*, com o objetivo de desestabilizar o lado pró-Rússia, ganhou corpo, como a divulgação da notícia de que o filho de Vladimir Putin teria um castelo avaliado em um bilhão de euros. Essas operações tiveram suas contribuições através de figuras como Alexei Navalny, além da ex-funcionária da Casa Branca Kateryna Chumachenko, que posteriormente tornar-se-ia esposa de Viktor Yushchenko. Em anexo a isso, a União Europeia passou a ser mais rigorosa em seu trato diplomático com a Ucrânia, valendo-se de ameaças de sanções econômicas.

O que se tira dessa discussão acerca da Revolução Laranja é que a degradação das capacidades políticas e econômicas após o fim da era soviética transformou a Ucrânia num território instável e suscetível a intervenções por conta da queda de confiança da população nas instituições, que deveriam ser os transmissores da segurança do Estado para a população, ou “decremental relative depravation” (Gurr 1970 apud Lane, 2008, p. 20). As interferências ocidentais e russas no processo demonstram que a democracia ucraniana nunca foi a real discussão e, sim, como afirma Boucher apud Wilson (2006,

p. 237): “The West promoting its own values [and] ... help[ing] other countries [to] live up to these values”.

Euromaidan

O grande estopim do movimento que ficou conhecido como Euromaidan começou com a negativa do presidente Víktor Yanukóvytch em assinar um acordo de associação comercial com a União Europeia, em 2013. Naquele momento, a população ucraniana, no que diz respeito à sua porção oeste, majoritariamente acreditava que essa aproximação seria uma solução importante aos problemas econômicos do país. A denominação “Euromaidan” se deu a partir da junção das iniciais de Europa (Euro) e do nome popular da Praça da Independência na região central de Kiev, Praça Maidan.

Szostek (2015) nos alerta com relação ao célere apetite aglutinador do movimento. Em poucas horas já havia cerca de 1.500 pessoas protestando na praça, tal aspecto revela que bem antes desse fato já estavam sendo orquestradas movimentações geoestratégicas via *web* a fim de direcionar os manifestantes. O movimento se expandiu a cada dia e, no fim da semana de 24-25 de novembro, dezenas de milhares estavam nas ruas, não só em Kiev, mas por todo o país.

A Ucrânia, na época, de acordo com o índice de confiança em relação aos governos na Europa, avaliados pelas suas respectivas populações, encontrava-se nas últimas posições. A confiança no parlamento era de 1.99 numa escala de 0 a 10 (último lugar), o nível de satisfação com o governo era de 2.25, a confiança no sistema judicial de 2.26 (último lugar) e a confiança na polícia era de 2.50 (último lugar) (Bikus, 2019). Tais números demonstram que as instituições públicas e o sistema político-social ucraniano já estavam severamente débeis e vexados diante da opinião pública (Shveda & Park, 2016). O baixo nível de confiança no governo ucraniano talvez fosse o maior sintoma da diferença acentuada entre a Revolução Laranja e o princípio do Euromaidan, entretanto são estágios de um mesmo processo de ataque, pautado na incorporação da identidade nacional, grandes operações em mídias sociais, leniência e apoio de forças capitalistas, sindicalistas e estudantis, além, claro, de aguda injeção financeira.

Em fevereiro de 2014, Yanukóvytch foi destituído do cargo pelo parlamento; posteriormente, solicitou asilo político à Rússia, temendo as milícias fascistas que frutificaram a partir das mobilizações em Kiev (aliás esse fator fato não apoquentou a ética democrática e o ímpeto ocidental).

Crimeia

Situada ao sul do território e constituindo um domínio ucraniano, ainda que com autonomia, a região da Crimeia tinha sua população, em sua maioria, mais próxima etnicamente à Rússia. Esse

contingente, predominantemente insatisfeito após a saída de Yanukóvytch, e descontente com o governo interino de Alexander Turchinov, por via de seu parlamento, aprovou, em 2014, com ampla maioria dos votos válidos, a anexação do território da Crimeia à Rússia.

O governo ucraniano, agora pró-europeu, não aceitou a anexação do território, e foi respaldado pelo apoio da União Europeia e Estados Unidos, que passaram a adotar sanções diplomáticas em relação à Rússia. O exemplo mais claro se expôs quando a cúpula do G20 isolou Moscou através do não reconhecimento das medidas adotadas por Putin no decurso do conflito.

Segundo Hopf (2016), a identidade da Rússia nos últimos 29 anos foi se moldando entre uma dualidade da restauração da URSS e reconhecer-se como um país “ocidentalizado”. A partir disso, a anexação da Crimeia é um ponto importante nesse amoldamento, pois descortina a nova identidade russa, que no mesmo momento em que se desliga do passado da USSR também se desvincula de sua feição ocidentalizada. Surgindo então, ou ressurgindo, à moda de uma espécie de império russo do século 21, uma aplicação no mundo real de movimentos teóricos robustos difundidos pelas universidades do Leste Europeu que tem em nomes como Alexandr Dugin um dos seus grandes catalisadores teóricos, além do quê, tal modelo, com o passar de seu mandato, se tornou uma forte inspiração para Putin.

A incapacidade de negociação entre Rússia e Ocidente no processo de substituição de Yanukóvytch é parte importante dessa assimilação do território, além das já denunciadas intenções americanas no conflito. A falta de resolução fez com que a Rússia acelerasse o processo de anexação, aprovando, em 1º de março de 2014, o envio de tropas à Crimeia. Outro evento importante nessa disputa dos últimos 29 anos é o *Partition treaty on the status and conditions of the black sea fleet*, que foram um conjunto de três tratados entre Ucrânia e Rússia, assinados em 1997, para decidir a divisão de tropas e os espólios soviéticos no Mar Negro, além de bases e armamentos, permitindo assim as duas forças coexistirem no local. A divisão ficou em 81,7 % dos proveitos para a Rússia e 13,7% para a Ucrânia (Zadorozhnii, 2016).

Embora existam autores como Michael Kofman e Matthew Rojansky, que, em seu trabalho conjunto intitulado *A closer look a Russia's "Hybrid War"* (2015), afirmam que o caso em específico da anexação da Crimeia não é um ato de guerra híbrida e sim um alinhamento perfeito de fatores geopolíticos que possibilitaram a ação russa na anexação, posicionamo-nos, aqui, alinhados ao que pensa Ball (2019), que, em seu argumento sobre a descrição de uma guerra híbrida, nos convida a perceber que esse alinhamento na verdade pode ter sido montado, enfileirando elementos que atestam uma vez mais que, em relações geopolíticas, cenários assim, tão bem desenhados, apesar de sempre estarem engatados em causalidades de conjunturas estruturantes (também intencionais alhures), não

deixam de conter flagrante intencionalidade de obscuridade, imprecisão e medo na condução dos processos diplomáticos.

Ainda com relação à fragilidade que os atos de guerra híbrida levam aos moldes da democracia:

“Unless the legal framework defining an act of aggression is reworked, liberal democracies are at risk. Presently, it seems increasingly clear that the primary means of ensuring the continued rule of law is by overhauling our traditional interpretation of conflict.” (Ball, 2019, p. 1).

Sobre a capacidade efetiva do ataque russo, se assinala:

“O poder se abateu sobre a Ucrânia, estado soberano que ficou de pés e mãos atados ante a Rússia. Para o mundo, perplexo, sublinhou-se a lição de que, mesmo na segunda década do terceiro milênio, relações internacionais são relações de poder.” (Castro, 2014, p. 39).

A ofensiva russa sobre a Crimeia pode ser considerada um método de disputa que se enquadra no modelo de 4ª geração, encarnando a categoria de guerra híbrida em virtude de sua característica de lançar mão de diferentes expedientes de inflame da opinião pública, a partir de espectros distintos e simultâneos para atingir seu objetivo. No conjunto completo dos três eventos ucranianos supracitados em tópicos diferentes, é possível enxergar um avanço inicial norte-americano acerca das posições do governo ucraniano, contrabalanceadas por um posterior ataque russo que chegou à anexação do território da Crimeia.

Considerações Finais

A partir da exposição analítica dos termos “guerra de 4ª geração” e “guerra híbrida”, foi possível perceber que a ameaça híbrida, que representa o complexo estratégico de práticas que conjugam as tradicionais técnicas militares de conflito, como ataques diretos e ocupação territorial, quando combinados aos métodos invasivos indiretos, como tráfico de informações e espionagem, constituem o amálgama que integra o cardápio beligerante dos modelos de quarta geração. Esses modelos são mais amplos, pois abarcam tanto a hibridizacão conflitual quanto a utilização de práticas avulsas contemporâneas, como intimidações a partir de restrições econômicas e ameaças nucleares, ou seja, um sistema de potências combativas que é capaz de se sustentar como imposição a outrem sem a necessidade de estar conjugado rente a ações pragmáticas.

Postulada a diferenciação, foi possível estabelecer paralelos entre as concepções conceituais e a emergência de importantes fenômenos geopolíticos, sobretudo os observados no Leste Europeu, como as desavenças no ambiente político ucraniano e a anexação da Crimeia pela Rússia, não deixando

de sempre interligá-los às revoluções coloridas, o que nos parecem ser os grandes catalisadores sociopolíticos e termômetros que apontam para a extensão e o caráter holístico dessas novas práticas de embate.

A revolução colorida é a etapa civil da guerra híbrida, enquanto a guerra não convencional é sua forma militar. A guerra não convencional é travada por forças não oficiais, mercenários e/ou grupos insurretos nacionais do próprio Estado alvo do ataque. Via de regra, ela eclode em um cenário já desestabilizado pela revolução colorida.

A técnica descrita por Korybko (2018) apresenta-se a partir de uma dupla tentativa: a primeira investida, que é representada pelas revoluções coloridas, que representa a fase em que são implantadas, através do investimento internacional, formas de mobilização civil antigoverno. O engate da guerra não convencional (para os padrões da revolução colorida) vem em segundo plano, caso haja necessidade de uso militar. Se assim o for, o país atacante se valerá de forças militares (sejam oficiais do próprio país ou milícias armadas, nativas do território alvo) para atacar a planificação política do Estado de interesse. Tais casos são vistos não apenas nas revoluções coloridas padrões (Geórgia, Ucrânia, Quirguistão etc.), mas também nos engates recentes pela América Latina (Bolívia, Brasil, Paraguai, Haiti etc.), mesmo que não tenham evoluído do campo de ameaça no quesito militar.

A partir desse fito analítico que parte das atualizações teóricas que concernem às práticas geopolíticas, encontrando aderência em exemplos práticos, pode-se observar o papel central desempenhado por alguns países, sobretudo os Estados Unidos e organizações internacionais financeiras, que mesmo não estando diretamente atrelados ao conflito, por nutrirem algum tipo de interesse na região, lançaram mão de expedientes táticos que vão desde a manipulação política da população local (principalmente através da internet), passam por incitação do acirramento de conflitos étnico-religiosos e perfazem mudanças nos comandos políticos do país em questão.

A partir deste breve resgate, observamos que as regiões centrais de disputa conservam-se, ainda que as práticas de subjugação tenham se modificado radicalmente. Esse fator aponta para o fato de que, apesar de os artifícios de engates estarem diluídos em artimanhas indiretas e que se imponha uma “teledominação”, a facticidade que representa o comando situado geograficamente ainda se faz importante nas operações práticas *in loco* e, portanto, são ainda os maiores objetos de disputas do tabuleiro geopolítico internacional.

Referências

ALPEREN, Martin J. **Foundations of homeland security**: homeland security law and policy. New Jersey: JOHN WILEY & SONS, INC, 2011.

ASSANGE, Julian. **Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet.** São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Quando o Google encontrou WikiLeaks:** 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

BALL, Joshua. **What is Hybrid Warfare?**. Global security review, 2019. Disponível em: <<https://globalsecurityreview.com/hybrid-and-non-linear-warfare-systematically-erases-the-divide-between-war-peace/>> Acesso em: 27 mar. 2021.

BIKUS, Zach. **World-Low 9% of Ukrainians Confident in Government.** Gallup news, 21 mar. 2019. World. Disponível em: <<https://news.gallup.com/poll/247976/world-low-ukrainians-confident-government.aspx>> Acesso em: 27 mar. 2021.

CASTRO, Paulo Cesar de. **A Crimeia e o poder.** Doutrina Militar Terrestre: em revista, v. 2, ed. 6, p. 32-39, Jul-Dez 2014.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da guerra.** 3ª ed: São Paulo: WWF Martins Fontes, 2010.

Fernandes, H. (2016). **As novas guerras: O desafio da guerra híbrida.** Revista de Ciências Militares, v. 4, nº 2, p. 13-40, 2016.

FREIRE, Maria Raquel. **A Revolução Laranja na Ucrânia: uma democracia a consolidar.** Relações Internacionais, v. 12, p. 49-64, Dez, 2006.

FREYTAS, Manuel. **Guerra de Quarta Geração: “Aniquilar, controlar ou assimilar o inimigo”.** Viomundo, p. 1-8, Out, 2010. Disponível em: <<https://www.viomundo.com.br/voce-escreve/aniquilar-controlar-ou-assimilar-o-inimigo.html>> Acesso em: 27 mar. 2021.

GALLUP WORLD POLL. **Ukrainian Confidence in Government Is Among the Lowest in the World; Ukrainians' Falling Trust in Elections; High Levels of Corruption in Both Government and Business in Ukraine.** Nova Iorque. 2019. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/247976/world-low-ukrainians-confident-government.aspx>. Acesso em: 12 fev. 2021.

GARTON ASH, Timothy. **Bitter lemons: Six questions to the critics of Ukraine's orange revolution.** The Guardian, p. 1-2, Dez, 2004. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2004/dec/02/ukraine.comment>> Acesso em: 27 mar. 2021.

HAMMES, Thomas X. **4th Generation Warfare: Our Enemies Play to Their Strengths.** Armed Forces Journal, p. 40-44, Nov, 2004.

HOPF, T. **'Crimea is ours': A discursive history.** International Relations, v. 30, ed. 2, p. 227-255, 2016.

JUDGE, Paul Quinn; ZARAKHOVICH, Yuri. **The Orange Revolution.** Time, Moscow, p. 1-4, 28 nov, 2004. Disponível em: <<http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,832225,00.html>> Acesso em: 27 mar. 2021.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas: das Revoluções Coloridas aos Golpes.** 1ª ed: São Paulo: EDITORA EXPRESSÃO POPULAR, 2018.

KOFMAN, Michael; ROJANSKY, Matthew. **A Closer look at Russia's "Hybrid War"**. Kennan Cable, n. 7, p. 1-8, Abr, 2015.

LANE, David. **The Orange Revolution: "People's Revolution" or Revolutionary Coup?**. The British Journal of Politics and International Relations, v. 10, ed. 4, p. 525-549, 2008.

LIMA, Rafael de Moraes. **Guerras híbridas: o princípio de Heisenberg no pensamento estratégico e uma possível alternativa**. 2018. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

LIND, Willian S.; NIGHTENGALE, Keith; SCHMITT, John F.; SUTTON, Joseph W.; WILSON, Gary I. **The Changing Face of War: Into the Fourth Generation**. Marine Corps Gazette, v. 73, ed. 10, p. 22-26, Out, 1989.

_____. **Understanding Fourth Generation War**. Military Review, v. 84, ed. 5, p. 12-16, Set-Out, 2004.

MENDES, Felipe. **"Vamos dar golpe em quem quisermos", diz Elon Musk no Twitter**. Veja, [S. l.], 25 jul. 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/vamos-dar-golpe-em-quem-quisermos-diz-elon-musk-no-twitter/>> Acesso em: 27 mar. 2021.

MONTEIRO, Luís Nuno da Cunha Sardinha. **Guerras de 4ª geração**. Revista Militar, n° 2591, p. 1001-1014, Dez, 2017.

ORTEGA, Felipe Afonso. **Cores da mudança? As revoluções coloridas e seus reflexos em política externa**. 2009. 139f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

PICCOLLI, Larlecianne; MACHADO, Lauren; MONTEIRO, Valeska Ferrazza. **A Guerra Híbrida e o Papel da Rússia no Conflito Sírio**. Revista Brasileira de Estudos de Defesa: [s. l.], v. 3, ed. 1, p. 189-203, Jan-Jun, 2016.

SCHERER, Caroline. **Revoluções coloridas na Sérvia, Geórgia, Azerbaijão e Bielorrússia (2000-2006): promoção à democracia ou mudança de regime?**. Orientador: Arturi, Carlos Schmidt. 2015. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

SHVEDA, Yuriy & PARK, jung. **Ukraine's revolution of dignity: The dynamics of Euromaidan**. Seoul: Journal of Eurasian Studies, p1-18, 2016.

STEPANENKO, Viktor. **How Ukrainians View Their Orange Revolution: Public Opinion and the National Peculiarities of Citizenry Political Activities**. Demokratizatsiya The Journal of Post-Soviet Democratization, v. 13, ed. 4, p. 595-616, 2005.

SZOSTEK, Joanna. **The Media Battles of Ukraine's EuroMaidan**. Digital Icons: Studies in Russian, Eurasian and Central European New Media, n° 11, p. 1-19, 2014.

TOSTA, Octavio. **Teorias Geopolíticas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular: Terrorismo, Guerrilha e Movimentos de Resistência ao longo da história**. São Paulo: Contexto, 2009.

WILSON, Andrew. **Ukraine's Orange Revolution**. New Have: Yale University Press, 2006.

ZADOROZHNI, Oleksandr. **RUSSIA'S ANNEXATION OF CRIMEA in the Light of Russian-ukrainian AGREEMENTS ON THE BLACK SEA FLEET**. UA: Ukraine Analytica, v. 3, ed. 5, p. 47-55, 2016.